

## SÓTÃO: UM ESPAÇO DE DESEJO E DESVENTURAS

Ronaldo Soares Farias (CAC/UFG)<sup>1</sup>

Não se encontra o espaço, é sempre necessário construí-lo.  
Gaston Bachelard

*As Parceiras*, de Lya Luft, foi o primeiro romance da autora. Lançado em 1980, é uma obra que permeia muitos mistérios. Os espaços do romance foram pensados de forma intrigante. Vários estudos foram feitos em relação aos romances de Lya Luft, mas não foi encontrado nenhum que faça relação entre espaço e erotismo. Para esta análise, nos deteremos em, apenas, uma parte do casarão: o sótão. Investigaremos o sótão como desencadeador da construção do erotismo da avó Catarina sob o ponto de vista da narradora e protagonista Anelise. É no sótão que o espaço erótico da avó Catarina é revelado, através da memória, para Anelise. A experiência da avó em relação à sexualidade, aos 14 anos, causa medo do sexo e da vida. Nesse sentido é pertinente investigar como a relação espaço e erotismo se revela no sótão, um lugar sombrio e deprimente. É através dessa busca que Anelise tenta entender o seu infortúnio perante a vida. Entre os teóricos que subsidiarão nossa pesquisa, encontram-se Bataille (1987), Bachelard (1989) e Borges Filho (2007).

Situar as personagens em um determinado espaço não é uma tarefa fácil, embora aos olhos do leitor, desatento, o espaço pouco tenha a contribuir com o enredo. Os estudos literários primaram em suas análises pelo tempo, ao invés do espaço, como sendo primordial para situar o enredo e as personagens. Ao analisar as obras literárias, os estudiosos, primavam o tempo como referência, ficando, assim, a análise dos espaços das obras literárias em segundo plano. Para comprovar a importância do espaço na análise literária, observaremos o espaço do sótão, do romance *As parceiras* (2004), de Lya Luft,

---

<sup>1</sup> Professor de Literatura Brasileira e Prática e Produção Linguística em Português na Faculdade das Águas Emendadas – FAE e Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFG – Câmpus de Catalão. E-mail: sfronaldo@gmail.com

reafirmando a importância desse espaço específico, as possibilidades de interpretação a partir dos objetos e das cores que compõem o sótão e o que eles podem representar em relação a personagem Catarina, moradora do sótão. O objetivo é analisar até que ponto o sótão influencia na construção do erotismo de Catarina.

### **Terminologias espaciais**

A análise dos espaços é chamada, segundo Gaston Bachelard, de Topoanálise: “A topoanálise seria então o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima” (BACHELARD, 1989, p. 28). O topoanalista, aquele que estuda o espaço na literatura, muitas vezes, recorrerá, também, a filosofia, a geografia, a sociologia, a história, para fundamentar as características e significados que o espaço assume nos romances. Outro termo utilizado nesta análise é a topofobia que consiste no estudo do espaço negativo para a personagem.

Observaremos que o espaço embora se apresente como topofóbico para Catarina, esta não consegue ou não quer está em outro espaço a não ser o sótão. Prefere refugia-se definitivamente até a sua morte.

### **O espaço dos desejos**

É no sótão que o espaço erótico da avó Catarina é revelado, através da memória, para Anelise. Segundo Borges Filho (2007) cabe ao analista observar os objetos que compõe determinado espaço e observar as relações que esses objetos têm com as personagens e/ou narrador. Assim, descreveremos o quarto de Catarina:

Lembro o aperto de mão de mamãe quando subíamos a escada em caracol, lembro o contraste entre a sombra e a claridade do quarto, onde tudo era branco: paredes, cortinas, tapetes, móveis, até as rendas do vestido comprido da moradora... Chamavam de sótão a esse quarto do terceiro piso do casarão, com um banheiro e a sacada. Combinava bem o nome: uma palavra triste e sozinha. (LUFT, 2004, p. 12).

Tomaremos para a nossa análise a relação entre o espaço, o sótão, a personagem, Catarina, e os objetos que a cercam. Começaremos pela importância que a cor branca representa. A cor branca domina o sótão, as paredes, as cortinas, os tapetes, os móveis, inclusive as roupas de Catarina. Nesse sentido, a simbologia da cor branca terá sua importância na análise do sótão. Segundo Yi-Fu Tuan (1980) *apud* Borges Filho (2007, p. 77), o branco representa o sêmen (união entre o homem e mulher). Foi ali, no sótão, que Catarina foi despida brutalmente pela primeira vez, o futuro marido “caçou-a pelos quartos do casarão, seguiu-a pelos corredores, ameaçou arrombar os banheiros chaveados como arrombava dia e noite o corpo imaturo” (LUFT, 2004, p. 13). Foi nesse episódio que o medo do sexo e da vida rondava Catarina. Quando existe somente o erotismo dos corpos, segundo Bataille (2013), sempre rondará algo de pesado, de sinistro. O marido de Catarina estava preocupado, apenas, em saciar sua vontade sexual. Sempre que queria satisfazer-se “dava um jeito de abrirem o sótão, e entre gritos e escândalos emprenhava Catarina outra vez” (LUFT, 2004, p. 14). Nessa relação não existia o que Bataille (2013) chama de erotismo dos corações, que é o erotismo que serve de introdução para qualquer relacionamento, caso houvesse, talvez teria sido mais fácil para Catarina. Não houve para Catarina a iniciação sexual, ainda era uma criança, quando teve que abandonar as suas bonecas para viver essa experiência perturbadora.

O branco, que inicialmente simbolizava a pureza de Catarina, agora simboliza o terror. A simbologia da morte, através da cor branca, será comentada na sessão a seguir.

### **O espaço das desventuras**

A partir do momento que é possuída à força pelo marido, as desventuras de Catarina começam. Segundo Chevalier (2012), “o branco – candidus – é a cor do candidato, i.e., daquele que vai mudar de condição [...]” (CHEVALIER, p. 141), e é o que acontece com Catarina: da condição de virgem, aos 14 anos, agora uma mulher solitária. A questão da solidão já aparecia quando Anelise

descreve o quarto da avó: “chamavam de sótão a esse quarto do terceiro piso do casarão, com um banheiro e a sacada. Combinava bem o nome: uma palavra **triste e sozinha**” (LUFT, 2004, p. 12, grifo nosso). Nessa citação já percebemos que a vida de Catarina não seria fácil e que seu destino já estava traçado: ficar só. Notem que a oposição entre “sombra” e “clareza”, também aparece no sótão. A cor branca, representada pela clareza, no sótão, agora é representada, após Catarina ser brutalmente despida, pela sombra, traduzindo-se num lugar sombrio e deprimente.

A sexualidade da avó Catarina não foi tranquila e nem poderia ser porque desde o início as coisas tomaram dimensões do medo e da incerteza. Quando Catarina casou-se, aos 14 anos, forçada pela bisavó de Anelise, mal tinha começado a menstruar. Não tinha experiência, a mãe deixaria para o genro, um trintão experiente, o papel de ensinar à menina o que fosse preciso. É interessante observar, segundo Carrijo, que ao

introduzir as lembranças que concernem ao seu casamento desfeito com Tiago, Anelise evoca a história do casamento precoce a que fora subjugada a avó Catarina, dada em casamento por via de um acordo travado entre a mãe e o futuro marido, o enlace matrimonial permitindo à mãe de Catarina voltar tranquilamente para a Alemanha, terra natal. Catarina é desposada, aos quatorze anos, por um marido grosseirão, bruto e de uma lascívia insaciável, a lhe provocar um verdadeiro asco em relação ao sexo e a levá-la a refugiar-se no sótão da casa. (CARRIJO, 2009, p. 41).

O sótão, além de ser um lugar de opressão para Catarina, representa, também, para Anelise, os mesmos infortúnios: de ser mais uma mulher daquela família a se refugiar no sofrimento e na dor. Anelise

estava mais interessada em recompor a vida que Catarina levava ali. Quando teria começado a arrumar o sótão feito um quarto de menina? Por que teria se refugiado ali? O que pensaria sozinha anos e anos a fio? Com quem falava sempre, para quem eram aquelas famosas cartas, as misteriosas? Quem seriam seus fantasmas? (LUFT, 2004, p. 43).

No trecho acima percebemos que Anelise, ao investigar os motivos dos infortúnios da avó, acaba por entender que, também, estava fadada a percorrer

o mesmo caminho das desventuras em relação a sexualidade, porque é através das memórias de Anelise que a parceria entre as duas se dá.

A cor branca, recorrente, no quarto de Catarina, acaba por contribuir para o desfecho da parceria entre Catarina e o sótão. Segundo Borges Filho “o branco também simboliza em algumas culturas do Oriente o luto e a morte. É a cor da lividez, da falta de sangue, da mortalha, dos espectros, das aparições” (2007, p. 79). A avó “com o tempo [...] foi perdendo a lucidez a intervalos cada vez menores. Por fim, baixou a penumbra definitiva” (LUFT, 2004, p. 17).

### Considerações Finais

O sótão não contribuiu para que Catarina tivesse uma vida erótica satisfatória, pelo contrário, a fez reprimir suas vontades em relação a sua sexualidade. O marido, uma pessoa rude, não sabia ou não queria que Catarina aprendesse a ser uma mulher desejante. O sótão, um espaço topofílico, antes de Catarina refurgiar-se nele, agora tornou-se um lugar topofóbico. Esse espaço topofóbico contribuiu para que Catarina não tivesse a oportunidade de construir sua sexualidade de forma tranquila ou conseguisse se sentir desejada.

O sótão representa, também para Anelise, as desventuras que entre uma busca e outra recai sobre o mesmo abismo inicial: fazer parte de uma família de mulheres que não conseguem alcançar a sexualidade plena.

### Referências

LUFT, Lya. **As parceiras**. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

CARRIJO, Silvana Augusto Barbosa. **Trama tão mesma e tão vária**: Gêneros, memória e imaginário na prosa literária de Lya Luft. 2009. 406 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da UFG. Universidade Federal de Goiás, Goiás.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura**: introdução à topoanálise. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução Vera da Costa e Silva. 26 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.